

'Post' exalta discurso de Figueiredo

O jornal "Washington Post" afirmou, em editorial, na sua edição de ontem, que o "extraordinário discurso" do presidente Figueiredo na Assembleia Geral das Nações Unidas merece "leitura mais cuidadosa" em Washington.

O editorial — "A palavra do Brasil" — adverte os bancos americanos contra a tentação de cortar os futuros empréstimos ao exterior e afirma que esta "perigosa reação" seria "a melhor maneira de precipitar o pânico e o colapso que eles mais temem".

O EDITORIAL

É o seguinte o editorial do "Washington Post":

"Varridos por ondas de ansiedade quanto a seus empréstimos externos, muitos bancos americanos estão sendo agora fortemente tentados a cortar qualquer outro empréstimo ao exterior. Esta é a mais perigosa de todas as reações possíveis — a melhor maneira de precipitar o pânico e o colapso que eles mais temem. Sejam quais forem os erros de cálculo e de julgamento no passado, é crucial não os tentar corrigir revertendo subitamente a direção e cortando o crédito externo. É uma época para ter-se nervos firmes e determinação resoluta para manter abertas as linhas internacionais — incluindo as linhas de crédito.

"Sem dúvida tem havido alguns empréstimos e tomada de crédito imprudentes. Mas isso representa uma parte muito pequena da estória, e em qualquer caso é irrelevante. A necessidade central agora é preservar o sistema internacional de comércio e empréstimo ao qual as nações mais ricas

do mundo, inclusive os Estados Unidos, devem sua prosperidade. O Presidente do Brasil, João Baptista Figueiredo, destacou esse ponto em um extraordinário discurso ante às Nações Unidas recentemente, e ele merece a leitura mais cuidadosa aqui em Washington. O Brasil é, com o México, um dos dois maiores devedores do mundo. E também um país bem avançado na

desde 1977 aumentaram enormemente o peso dessa dívida para os devedores e, pior, a recessão diminuiu o mercado para as exportações brasileiras. Bem mais de 75 por cento das diminuídas receitas de exportação do Brasil vão agora diretamente para o serviço da dívida.

"O presidente Figueiredo teme que algum dos países ricos — isto é, os Estados Unidos — continue a usar altas taxas de juros para controlar seus próprios problemas internos, enquanto todos os países ricos sucumbem a pressões protecionistas para fechar seus mercados a produtos estrangeiros. Com isso, os bancos vão parar cada vez mais de conceder empréstimos. Sob estas circunstâncias, com a melhor vontade do mundo, os devedores do Terceiro Mundo não teriam absolutamente esperança de cumprir suas obrigações. Figueiredo não precisava dizer que a perspectiva carregava uma semelhança desagradável com o recorde do início dos anos 30.

"A história da depressão oferece duas grandes lições à atual geração de americanos. Primeiro, um colapso do crédito não é auto-estabilizável. Um fracasso determina o próximo em um ciclo altamente destrutivo que se torna incontrolável, pulando de um país para outro. Não há antidotos. A segunda lição vital é que o sistema internacional não é auto-administrável. A doutrina da não-intervenção, conforme pregada às vezes pelo presidente Reagan, tem somente as mais perigosas implicações aqui. O sistema monetário e comercial internacional tem que ser conduzido por um país forte com determinação e visão. Neste século, o único candidato são os Estados Unidos".

industrialização que tem contribuído para elevar rapidamente os padrões de vida.

"A estratégia brasileira tem sido tomar empréstimo maciçamente para os investimentos que trazem tecnologia e produzem exportações competitivas. Ela funcionou brilhantemente até o fim dos anos 70. Mas a duplicação e triplicação das taxas de juros